Vamos com Êle!

DO MESMO AUTOR

Quo Vadis? tradução de Lemos de Napoles, 2.ª edição escrupulosamente revista e emendada. Esgotada.

A ferro e fogo, tradução de Olímpio Monteiro. É este romance, na opinião de abalizados críticos europeus, a *obra prima* de H. Sienkiewicz.

Os Cavaleiros da Cruz. Esgotado.

Vencer ou morrer. Drama, tradução do dr. Cândido de Figueiredo.

A família Polaniecki, tradução de Lemos de Napoles.

O dilúvio, 3 grandes volumes. Tradução de Adalberto Veiga e José Antonio Bentes.

HENRIQUE SIENKIEWICZ

(Autor do QUO VADIS?)

Vamos com Êle!

NOVELA DO TEMPO DE CRISTO

TRADUÇÃO DE

C. MALHEIRO-DIAS

Terceira Edição

EMPRÊSA LITERARIA FLUMINENSE, L.DA
125, Rua dos Retroseiros, 125
LISBOA

«**Vamos com Êle!** *é o mesmo tema e a mesma trama do* Quo Vadis, *mas mais concentrados na forma e talvez mais vastos na ideia. Em breves imagens passam, diante vós, homens e coisas de Roma, de Alexandria, de Jerusalem: três focos da civilização antiga; emquanto a vossa meditação ultrapassa lentamente os três estádios da evolução religiosa: o culto, ora amável e fino, ora cruel e brutal, do paganismo; a lei austera do Mosaismo; a doutrina de amor e de perdão do Cristianismo. Simultâneamente, encontramo-nos ante o eterno problema da luta do fariseu, conservador da tradição, e o idealista em procura da nobre quimera, a verdade de àmanhã... Coalisão trágica, de que o Nazareno foi a sublime vítima, à qual servirão de holocausto espiatório todos os generosos libertadores da humanidade.*

As principais personagens do Vamos com Êle! *são Cinna, Antéa, Pôncio-Pilatos. Conhecemo-los já. São com variantes psicológicas: Vinício, Lygia, Petrónio. Mas em lugar do mundo pagão agonisante: a sua personificação horrível: a face cadave-*

rosa da Hécata! Em vez dos apostolos Pedro e Paulo: o próprio Cristo! No sítio do anfiteatro de Nero: o Calvário! E ainda a filosofia grega e o Sanhédrio judeu e o nobre Timon, investigador da Verdade pura pelo raciocínio especulativo. É tôda a antiguidade na aurora da era nova.

Depois, em poucas palavras, o paralelo entre os rabinos, observadores implacáveis da legalidade jurídica, e os formalistas modernos; entre a metafísica dos estóicos e a filosofia pessimista contemporânea; entre a razão de Estado de Pôncio-Pilatos e as razões dos governantes actuais. Por fim, a salutar «inquietação» de Cinna, eterno tormento dos investigadores, analisada com maior desenvolvimento psicológico do que a conversão miraculosa de Vinício.

Quo Vadis, *é uma galeria de maravilhosos frescos, uma sucessão de peripécias comoventes, um tesouro de ideais e de paixões.* Vamos com Êle! *é uma água-forte vigorosa de retoque e colorido, reveladora de todo um mundo de sensações subtilíssimas férteis em reflexões indutivas.»*

Vamos com Êle!

I

O patrício romano Caio Septimo Cinna passara a mocidade com as legiões, entre as quais vivera a rude existência dos campos de batalha.

Mais tarde regressou a Roma para gozar da sua glória, e do luxo e opulência que lhe permitia uma fortuna ainda considerável, não obstante já meio desbaratada por grandes esbanjamentos.

Mas mergulhado em prazeres, depressa se saciara amplamente de quanto podia oferecer-lhe a Cidade magnífica.

As noites passava-as em grandiosas orgias pelas sumptuosas *vilas* suburbanas; os dias em exercícios nas casas dos lanistas [1], conversando e divagando eruditamente com os retóricos; ou pelas termas, onde se esgrimiam todos os géneros de disserta-

---

[1] Os que compravam e amestravam gladiadores para o circo.

ções e bisbilhotavam os escândalos da cidade; ou então no circo, ou ainda nas arenas de gladiadores, entre as feiticeiras da Trácia e as maravilhosas bailarinas das ilhas do Arquipélago.

O ilustre Lúculo era seu avoengo materno, e dele herdara Cinna o gôsto pelas mais requintadas iguarias. Nas suas monopódias [1] de limoeiro havia sempre vinhos preciosos da Grécia, ostras de Nápoles, os gordos gafanhotos do Ponto-Euxino, refugados em mel da Numídia. Tudo quanto Roma possuía de víveres raros encontrava-se em casa de Cinna, desde o peixe saboroso do Mar Vermelho até à perdiz branca das margens do Borístenes.

Caio Cinna gozava dêstes benefícios da natureza, não como um soldado glutão, mas como um patrício elegante.

Procurara convencer-se — e talvez estivesse realmente convencido, — de que o dominava uma grande paixão pelas obras de arte. Entusiasmavam-no as estátuas descobertas nas ruínas de Corinto, as epilichnias [2] da Ática, os vasos da Etrúria ou importados dos países vagos dos Séres [3], os mosaicos romanos, os estofos do Eufrates e os perfumes da Arábia — numa palavra, tôdas as

---

[1] A mesa dos romanos abastados, móvel redondo e baixo, erguido num pé de marfim. *(Nota do tradutor)*.

[2] Lâmpadas gregas.

[3] As regiões da Ásia Oriental, hoje a China.

faustosas bagatelas que preenchem delicadamente o vácuo de uma vida patrícia.

Cinna sabia discorrer com elegância sôbre estas variadas coisas, como um erudito e um amador, com os velhos desdentados que tinham por costume, antes de se recostarem nos triclínios, ornar a calva de coroas de rosas, e depois do festim mastigavam pétalas de heliotrópio para aromatizar o hálito.

Sabia igualmente apreciar a beleza de um período de Cicero, de um verso de Horácio ou de Ovídio. Instruído por um retórico ateniense, falava com desembaraço a língua grega, sabia de cór cantos inteiros da Ilíada, podendo, de taça na mão, recitar as estrofes de Anacreonte até à completa embriaguez, declamando com elegância o último verso, antes de cair como uma pesada massa sob o triclínio.

Mercê do sábio mentor e de outros retóricos, possuía também noções de filosofia suficientes para compreender a arquitectura dos monumentos erectos outrora à Inteligência, na Hélada e Colónias; e compreendia que de todos êsses edifícios soberbos e radiantes moles, apenas restava um montão de escombros e ruínas.

Conhecia em pessoa grande número de estóicos, a quem, aliás, era hostil, considerando-os de preferência como um partido político, e ascetas que menoscabavam os prazeres da existência.

Os scépticos sentavam-se muitas vezes à sua

mesa, demoliam entre dois pratos uma quantidade considerável de sistemas filosóficos, declarando, ao erguer as crateras transbordantes de vinho, que o prazer era coisa vã, a verdade coisa irrealizável, e o desígnio do sábio outra coisa não podia ser senão o repouso: a inércia!

Cinna ouvia todos estes discursos, mas ligava-lhes uma importância medíocre.

Não professava nenhuma opinião, nem fazia empenho em adquiri-la. Catão era para êle a personificação de uma enorme energia aliada a uma imensa necedade.

Julgava a vida à semelhança de um mar, sôbre o qual sopra um desordenado vento; e pensava que a sabedoria única consistia em desfraldar as velas ao vento, de forma que o seu sôpro fizesse avançar a barca.

Além de que, Cinna tinha um gôsto soberano pelos largos ombros, pelo estômago sólido, pela bela cabeça de perfil aquilino e queixo poderoso.

Daí a sua certeza de que, assim armado, a existência devia, no fim de contas, ser-lhe fácil.

Sem pertencer à escola dos scépticos, nem por isso era menos scéptico do que êles, e ao mesmo tempo cirenáico, apesar de reconhecer que os prazeres não constituiam ainda a felicidade.

E embora ignorasse a verdadeira doutrina de Epicuro, considerava-se um epicurista!

Em geral, tinha a filosofia por um singelo exercício intelectual, tão útil como aqueles a que

o obrigava o lanista. Quando o fatigavam as dissertações eruditas, ia ao circo para ver correr o sangue.

Não acreditava mais nos Deuses do que na Virtude, na Verdade e na Ventura. Tinha, quando muito, grande fé na magia. Era supersticioso e seduziam-no os mistérios das religiões orientais.

Era benigno para com os escravos, quando o tédio lhe não açulava uma ferocidade cruel.

A sua idea sôbre a Vida extraía-a da comparação com uma ânfora.

Quanto mais precioso é o vinho que encerra, tanto maior o seu valor. Assim, fazia o possível, o ilustre Cinna, por encher a vida de quanto havia de precioso e de melhor na terra.

Não amava ninguém. Mas muitas coisas conseguiam agradar-lhe, entre outras a própria cabeça, de soberbo crânio, e a elegância do pé patrício, alvo na crépida de prata ou bronze.

Durante os primeiros anos da sua vida jovial, Caio entretivera-se em assombrar Roma com as suas excentricidades. Muitas vezes saíu-se bem dessa difícil missão.

Depois, isso mesmo, igualmente o fatigou.

II

Sobreveio a ruína.

Os bens de Caio caíram nas mãos dos credores. Apenas lhe sobejava fadiga — como depois de um acabrunhador trabalho, — saciedade e alguma coisa ainda de nunca experimentado: uma inquietação vaga mas profunda. E contudo, gozara plenamente a riqueza, o amor — tal como a humanidade o compreendia então, — desfrutara todos os luxos e a glória militar; experimentara os mais emocionantes perigos; aproximara-se mais ou menos dos limites do pensamento humano; fôra sensível à poesia e à arte. Podia pois conjecturar que extraíra da vida tudo quanto ela podia oferecer-lhe de valioso.

E eis que ao presente sobrevinha-lhe a sensação de haver esquecido e desprezado alguma coisa, e que essa alguma coisa era importante. Mas ignorava o que poderia ser e atormentava-se em vão.

Muitas vezes tentava afugentar essas ideas,

sacudir a inquietação que o invadira, persuadir-se de que nada mais existia, que nada mais podia haver de precioso na vida; e entretanto a inquietação, em vez de se dissipar, aumentava, e a tal ponto que lhe parecia sobrevir dali um desassossêgo angustioso, não só por êle mas pelo próprio império!

Ao mesmo tempo, invejava acremente os scépticos e tinha-os na conta de miseráveis néscios, porque afirmavam que êsse vácuo podia perfeitamente preencher-se com coisa nenhuma.

Desde então, em Cinna, pareciam viver dois homens: um que se admirava da própria inquietação; o outro que, a seu pesar, a julgava absolutamente justificada.

Depois da perda da fortuna, e mercê da influência de parentes poderosos, partira a governar Alexandria, para onde fôra enviado com a esperança de restaurar as finanças avariadas nessa região fértil e rica.

Porém, em Brindisi, embarcou com êle a inquietação, que o acompanhou durante tôda a viagem através os mares.

As suas novas funções, os novos conhecimentos, um país novo e novas impressões, deviam, pensava Cinna, desembaraçá-lo da importuna companheira.

Enganava-se. Um mês passou, outro depois: e semelhante à semente trazida da Italia por Demétrio, que mais luxuriosamente germinava no

solo fecundo do Delta, assim a angústia de Cinna, como um arbusto transformado num cedro denso, projectou cada vez uma sombra maior na sua alma.

A princípio experimentou destruir aquela perturbação, subordinando a existência ao sabor das dissipações de Roma.

Alexandria era uma cidade soberba, rica em mulheres gregas de cabeleira fulva e delicada epiderme, que o sol do Egito dourava com uns tons de âmbar translúcido. Cinna procurou o esquecimento nos seus luxuriosos braços.

Mas desde que lhes reconheceu o impudor e a vaidade, começou a freqùentar o seu potente cérebro a idea do suicídio. Grande número de amigos tinham-se liberto por êsse processo dos cuidados da vida, e com razões bem mais fúteis ainda. Uns por tédio, ou porque sentiam a inutilidade da existência; outros porque lhes faltava o apetite de gozar dos benefícios terrestres. E para isso bastava um escravo que soubesse empunhar o gládio por um instante, com pulso firme...

Êste pensamento apoderou-se de Cinna; e pensava já em realizá-lo. Mas um estranho sonho impediu-o de consumar o trágico propósito.

Ia atravessando um rio, quando na margem oposta avistou a sua inquietação sob as feições de uma escrava fatigada, que o saudou e lhe disse:

«Passei adiante para vir ao teu encontro».

Pela primeira vez, Cinna teve mêdo. Compreendeu que se lhe era impossível reflectir na vida de além-túmulo, liberto da Inquietação, esta não deixaria de o seguir igualmente depois da morte.

Como última precaução, resolveu aproximar-se dos sábios que formigavam em Serapis, na esperança de que encontraria entre êles a solução do enigma.

Estes filósofos, é verdade que a não puderam descobrir. Em compensação concederam a Cinna o título de τοῦ μουσείου, privilégio dos Romanos de grande nascimento e alta condição.

O consôlo era débil, e o título de sapiente, atribuido a um homem incapaz de definir o que mais o preocupava, podia parecer irónico. Mas Cinna pensou que Serapis não desvenda de uma só vez tôda a sciência, e não perdeu de todo a esperança.

O mais cotado entre todos os filósofos de Alexandria era o nobre Timon, ateniense, cidadão romano, personagem considerável. Vivia desde muitos anos em Alexandria, onde viera estudar a sciência misteriosa do Egito. Dizia-se não existir um único pergaminho ou papiro na biblioteca que êle não tivesse lido, e que possuía tôda a sabedoria humana. A par disso, era um homem benévolo e perspicaz.

Entre a quantidade de pedantes comentadores, de cérebro obtuso, Cinna distinguiu-o logo e ligou-se com êle até tornar-se o seu amigo íntimo.

O joven Romano ficou surpreendido da facili-

dade de dialéctica do velho e da eloqüência com que comentava a alta significação da humanidade e do universo. E o que mais o impressionou foi observar que as profundas palavras de Timon eram sempre repassadas de uma misteriosa tristeza.

Mais tarde, quando as suas relações se estreitaram ainda mais, Cinna sentiu um imenso desejo de interrogar o velho filósofo sôbre a causa daquela melancolia, e por sua vez abrir-lhe o coração.

Não tardou que se lhe proporcionasse o ensejo.

III

Uma noite, depois de uma conversa animada sôbre o caminho que as almas percorrem nas regiões extra-terrestres, Cinna e Timon ficaram sós no terraço, de onde a vista se espraiava pelas extensões líquidas do mar.

O joven Romano, pegando na mão do velho, confessou-lhe em que consistia a maior angústia da sua vida e o fim para que procurara ligar-se com os sábios e os filósofos de Serapis.

— Ao menos, Timon, — acrescentou para concluir, — nisso ganhei o conhecer-te, e hoje sei, que se tu também não conseguires resolver o enigma da minha vida, ninguém mais sôbre a terra o conseguirá.

Timon contemplou longamente as águas que se estendiam na frente e onde se reflectia o crescente da lua.

Depois disse:

— Já viste, Cinna, as migrações de pássaros que chegam, logo ao começar o inverno, das tre-

vas do norte? Sabes o que veem procurar no Egito?

— Sei. O calor e a luz.

— As almas procuram também o calor, que outra coisa não é senão o Amor; e a luz, que não é outra coisa senão a Verdade. Mas o pássaro sabe para onde deve voar em procura da felicidade, emquanto as almas voam no desconhecido, na tristeza e na inquietação.

— E porque é, nobre Timon, que não podem encontrar o seu caminho?

— Outrora a fé nos Deuses dava a quietação; hoje, essa fé consumiu-se como o óleo das lâmpadas. Mais tarde, imaginou-se que a filosofia luziria para as almas como um sol de verdade; hoje, tu bem o sabes, sôbre as suas ruínas, em Roma, em Athenas, como aqui, sentaram-se os scépticos, que pensam trazer a tranqüilidade quando apenas arrastam consigo a perplexidade. Desviarmo-nos da luz e do calor, é deixar a alma imersa em trevas; e as trevas são a Inquietação. E como assim seja, com as mãos estendidas à nossa frente, investiguemos o caminho...

— Tu próprio ainda o não encontraste?

— Procurei-o e não o encontrei. Tu procuraste-o nos prazeres, eu no pensamento. E ambos nos envolvemos na mesma obscuridade. Fica pois sabendo que não és o único a sofrer e que dentro em ti é a própria alma do universo que sofre... Desde há muito que deixaste de crer nos Deuses?

— Em Roma ainda os honramos públicamente, e introduziram-se mesmo deuses novos, vindos da Ásia e do Egito. Mas só talvez os vendedores de legumes, que entram pela manhã na cidade, chegados dos subúrbios, nêles ainda creem sinceramente.

— E são os únicos que teem repouso.

— Como aqui, para aqueles que saúdam até à terra os gatos e as cebolas.

— O mesmo para aqueles que, à semelhança dos animais, a coisa alguma aspiram senão a adormecer depois de fartos.

— Mas sendo assim, vale a pena viver?

— Por acaso sabemos nós o que nos reserva a morte?

— Que diferença ha então entre ti e os scépticos?

— Os scépticos habituam-se às trevas, ou fingem acostumar-se, emquanto que eu sofro.

— E não enxergas a salvação?

Timon calou-se por um momento. Depois, lentamente e hesitando, disse:

— Estou à espera dela...

— De onde?

— Não sei.

Apoiou a cabeça nas mãos; e talvez sob o império do silêncio e da paz que reinavam no terraço, murmurou numa dolente voz quási sumida:

— Coisa singular! Parece-me às vezes que se o mundo não contivesse senão o que nós dele co-

nhecemos, e se mesmo não podéssemos vir a ser mais do que aquilo que somos, não experimentaríamos inquietação alguma... Assim, na própria fonte da doença vou procurar a esperança da cura... A fé no Olimpo e na Filosofia está morta; mas a redenção reside talvez nalguma verdade nova que eu não conheço......................

....

Contra a sua espectativa, esta conferência nocturna trouxe à alma de Cinna um imenso alívio. Sabendo não ser o único a sofrer da misteriosa doença, mas a humanidade inteira, experimentou a sensação de um homem a quem se alija dum enorme pêso para o repartir sôbre milhares de ombros.

IV

A amisade entre Cinna e o velho Grego estreitava-se de dia para dia. Freqüentavam-se; e jantando juntos compartilhavam ao mesmo tempo os pensamentos e o pão.

Mas apesar da experiência da vida e da lassidão que lhe sobreviera à saciedade, Cinna era ainda demasiado novo para que a existência lhe não houvesse guardado algum atractivo inédito.

Este atractivo encontrou-o na filha única de Timon: Antéa.

A nomeada de Antéa, em Alexandria, não era menor do que a de Timon, venerada pelos nobres Romanos que freqüentavam a casa do sábio, venerada pelos Gregos, venerada pelos filósofos de Serapis, venerada pela turba!

Timon não a encerrara num gineceo, como era o costume para o resto das mulheres. Ao contrário procurava dar-lhe a conhecer tudo quanto êle mesmo conhecia.

Desde a puerícia proporcionara-lhe a leitura

dos livros gregos e até dos romanos e hebráicos. Dotada de uma miraculosa memória, educada na cidade cosmopolita que era Alexandria nesse tempo, a virgem tivera o dom de aprender e entender as diversas línguas.

Como um aliado de inteligência, associava os seus pensamentos aos de Timon, tomava parte muitas vezes nas conversas durante as simposes [1] efectuadas em casa do filósofo; e muitas vezes também no labirinto das dissertações difíceis, sabia, ela só, encontrar o caminho, como Ariana, e conduzir os outros atrás de si.

O próprio Timon admirava-a e respeitava-a.

E ainda mais! Antéa vivia circundada como por uma auréola de misteriosa graça, quási de santidade, porque tinha sonhos proféticos e via coisas invisíveis aos olhos profanos dos mortais!

O velho sábio amava-a como à sua alma; amava-a sobretudo pelo receio de a perder. Em algumas ocasiões Antéa afirmava que lhe apareciam em sonhos sêres hostis, cercados de uma luz maravilhosa, sem que pudesse adivinhar se aquilo devera ser para ela a causa da vida ou da morte. Ao presente, Antéa vivia rodeada de amor. Os Egícios que visitavam Timon, denominavam-na o «lotus», sem dúvida porque esta flor gozava de uma veneração divina nas margens do Nilo; sem

---

1 Festins gregos.

dúvida também porque todo aquele que houvesse visto Antéa uma vez, esquecia por ela o mundo inteiro.

A sua beleza igualava a sua sabedoria. O sol do Egito não lhe crestara o rosto. Os raios dourados da aurora pareciam ter-se-lhe embebido na epiderme, rosada como uma concha de nácar transparente. Os seus olhos reflectiam o azul do Nilo e o seu olhar parecia sair das mesmas profundidades misteriosas que as águas do estuário.

Quando Cinna, depois de a ter visto e escutado pela primeira vez, entrou em casa, sentiu desejos de lhe erguer um altar no átrio da sua morada e sacrificar-lhe uma nuvem de pombas brancas.

Encontrara na vida milhares de mulheres, desde as donzelas do longínquo Norte, de cílios brancos e cabelos côr de estriga, até às Númidas, negras como lava calcinada; mas nunca vira ainda um rosto semelhante e uma semelhante alma. E quanto mais a via, a penetrava, a escutava, mais também a sua surprêsa ia aumentando. A instantes admitia — êle, o incrédulo! — que Antéa não podia ser a filha de Timon, mas uma filha dos Deuses, semi-humana e semi-divina.

Em breve, amou-a com um amor inesperado, profundo e invencível, tão grandiosamente diferente dos outros amores, como Antéa era diferente das outras mulheres.

Quisera-a possuir únicamente para a venerar. Para a ter, estava pronto a dar todo o seu san-

gue. Teria preferido ser pobre, com ela, a ser César sem ela.

E como um turbilhão de mar arrasta com irresistível fôrça tudo quanto entra no seu redemoinho, o amor de Cinna apoderou-se-lhe da alma, do coração, dos pensamentos, dos dias, das noites — de tudo o que é a vida!

Depois, entre os seus braços, o amor alvorotou também Antéa.

«Tu felix, Cinna!» repetiam-lhe os amigos.

«Tu felix, Cinna!» repetia êle a si próprio no dia das bodas, quando os lábios divinos da virgem proferiram as palavras sacramentais:

— Onde tu estiveres, Caio, eu estarei, Caia!

E então, parecia-lhe que a felicidade era para êle incomensurável e infinita como os extensos mares.

V

Decorreu um ano, durante o qual Antéa foi rodeada no lar de uma adoração quási divina. Era para o marido como a pupila dos olhos: o amor, a sabedoria e a luz!

Mas na comparação que fizera da sua felicidade com o mar, Cinna esquecera que o mar tem também os seus refluxos.

Ao cabo de um ano, uma doença terrível e misteriosa apoderou-se de Antéa. Visões medonhas perturbaram-lhe o sono e estancaram nela a fonte da vida. Os raios da aurora apagaram-se no seu rosto, deixando-lhe apenas a transparência do nácar. As mãos tornaram-se diáfanas. Os olhos sumiram-se nas órbitas. O «lotus» côr de rosa empalideceu até transformar-se num «lotus» branco, branco como uma face de morta.

Viram-se voejar abutres sôbre a morada de Cinna, o que é considerado no Egito como um fúnebre presságio.

As visões de Antéa tornavam-se cada vez mais pavorosas. Quando, em pleno meio-dia, o sol inundava a terra com a sua luz branca e o silêncio pairava sôbre a cidade, Antéa cuidava ouvir em redor os passos rápidos de sêres invisíveis e avistar, na profundidade do éter, uma face de cadáver, mirrada e amarela, que a fixava com uns olhos de azeviche. E êsses olhos pareciam chamá-la a qualquer parte, em direcção às misteriosas trevas.

Então, a febre estremecia o corpo de Antéa, a sua face pálida gotejava um suor álgido. A sacerdotisa venerada do lar doméstico transformava-se numa criança desarmada, terrificada, e escondia o rosto no peito do marido, repetindo com os lábios exangues:

— Salva-me, Caio, salva-me!

Caio lançar-se-ia contra todos os fantasmas que Persefona fizesse surgir das entranhas da terra, mas procurava-os em vão no espaço. Como sempre, ao meio-dia, nada havia em redor: uma branca luz inundava a cidade; o mar parecia incandescente ao sol, e só repercutiam no silêncio os gritos dos abutres, que esvoaçavam em sinistras elipses sôbre a casa.

As visões, cada vez mais freqüentes, tornaram-se quotidianas. Perseguiam Antéa na rua, no átrio e nos aposentos interiores do palácio.

A conselho dos médicos, Cinna mandou vir tocadoras egípcias de sambuca, e beduinos, com

as suas flautas de argila, que deviam abafar sob a estridente música os passos dos invisíveis espectros.

Mas em vão. Antéa ouvia êsses passos a meio das mais ruïdosas conversas, e quando o sol se erguia, tão alto que a sombra jazia aos pés do homem como um manto caído dos seus ombros, na atmosfera fremente de calor surgia a cadaverosa face, que olhava Antéa com os olhos vítreos e recuava lentamente, como a dizer-lhe:

« Vem comigo! »

VI

A momentos, parecia a Antéa que os lábios da aparição se agitavam imperceptívelmente, e de algumas vezes que de entre êles saíam escravelhos negros e repulsivos, que para ela voavam.

Só em pensar nas visões, o olhar embaciava--se-lhe de terror.

De tal maneira, que a vida aparecia-lhe como uma cadeia ininterrupta de agudos sofrimentos e que já a mísera suplicava a Cinna que a trespassasse com um gládio ou lhe concedesse licença para se envenenar. Mas nunca Cinna poderia consentir em semelhante horror. Com o seu gládio teria aberto as veias, se isso a podesse consolar, mas nunca teria ânimo para matá-la.

Quando se lhe representava na imaginação aquela adorada cabecita morta, de pálpebras descidas, empedernida numa imobilidade glacial e aquele seio macio e branco atravessado pela lâmina da sua espada, sentia que enlouqueceria, antes de

resolver-se ao medonho atentado! Um médico grego dissera-lhe ser Hécata quem aparecia a Antéa, e que os invisíveis espectros que horrorizavam a doente formavam o séquito da temerosa divindade. Na sua opinião, não havia salvação possível para Antéa. Quem via Hécata tinha de morrer.

Então Cinna, que outrora escarnecia a crença de Hécata. ofereceu-lhe uma hecatombe em sacrifício. Mas o holocausto não trouxe nenhum alívio para a doente, e no dia seguinte os olhos lúgubres fixaram Antéa como dantes.

Experimentou-se cobrir-lhe a cabeça; mas ela via a face cadaverosa através os mais espessos véus. Quando se achava num aposento obscuro, essa face aparecia na parede, dissipando as trevas com a sua luz penetrante e lívida.

De noite, a padecente sentia-se melhor. Ficava então mergulhada num profundo sono, de que Cinna e Timon temiam às vezes que nunca mais acordasse.

Por fim, tornou-se tal a sua fraqueza que lhe era impossível caminhar sem amparo e foi preciso transportá-la numa liteira.

A velha inquietação de Cinna redobrou e apoderou-se de novo completamente dele. Era agora constituída por um ansioso receio pela vida de Antéa e pela estranha sensação de que essa doença tinha um misterioso élo com quanto de perturbante fôra proferido na sua conversa íntima com Timon.

O velho sábio tinha talvez idêntico pensamento, mas Cinna receava interrogá-lo.

Entretanto, a doente consumia-se como uma flor em cujo cálice se intrometeu um venenoso verme.

Cinna, apesar de desfalecido, defendia a mulher adorada com tôdas as energias do desespêro.

Primeiro levou-a para o deserto, nas cercanias de Memfis.

Vendo porém que a residência à sombra das Pirâmides a não libertava das medonhas visões, voltou a Alexandria e cercou-a de videntes e feiticeiras que esconjuravam as doenças: turba de impudentes magas que pelas suas práticas ocultas engodavam a humana credulidade.

Cinna não escolhia; lançava mão de todos os expedientes.

Por êsse tempo chegou de Cesaréa a Alexandria um médico célebre, o hebreu José, filho de Khuza.

Cinna chamou-o desde logo para junto de Antéa e depressa a esperança se reacendeu no seu coração apagado.

José, que não acreditava nem nos Deuses da Grécia nem nos Deuses romanos, rejeitou com desprêzo a suposição de que a doença fôsse devida à influência de Hécata. Admitia antes a influência dos demónios e aconselhava que deixassem o Egito, onde, independentemente dêsses demónios a saúde de Antéa podia ser comprometida com as

emanações pantanosas do Delta. O seu parecer — talvez por ser Judeu, — era que se transportassem para Jerusalém, a cidade que os demónios não podiam infestar e onde os ares eram saudáveis e fortes.

Cinna seguiu êsse conselho com a maior satisfação; primeiro porque não lhe restava mais recurso algum, e depois porque Jerusalém era governada por um seu amigo, cujos ascendentes haviam sido os clientes da casa dos Cinnas.

E com efeito, o pretor Pôncio acolheu os juvenis esposos de braços abertos e pôs à disposição dêles a sua casa de verão, situada perto das muralhas da cidade.

Mas já a esperança de Cinna se dissipara antes da chegada a Jerusalém. Mesmo sôbre o convés da galera, a face espectral olhava Antéa; e quando alcançou o têrmo da viagem, a padecente esperava a hora meridiana com o mesmo pavor que em Alexandria.

De novo se passaram os dias na tristeza, no terror, no desespêro, na espectação da morte.

VII

No átrio estava um calor ardente, apesar da fonte, da sombra do pórtico e da hora matinal. O mármore branco escaldava ao sol da primavera.

Felizmente, não mui longe da casa, havia um velho alfostigueiro, cuja ramaria extensa cobria de sombra um grande espaço. De tempos a tempos uma aragem perpassava neste descampado. Cinna mandou transportar para ali a liteira tôda ornada de jacintos e de flores de vergel, entre as quais vinha estendida Antéa. Sentou-se perta dela, pousou a mão sôbre a mão branca como alabastro da joven espôsa e perguntou:

— Sentes-te bem, minha adorada?

— Muito bem — respondeu Antéa com uma voz a custo perceptível.

E baixou as pálpebras como se o sono chegasse.

Fêz-se um silêncio. Apenas a brisa rumorejava nas ramarias do alfostigueiro, emquanto sôbre o solo, em redor da liteira, se moviam as nódoas de

ouro dos raios solares, filtrados através da folhagem, e os gafanhotos saltavam pelas fragas cinzentas.

Depois de um instante, a doente abriu os olhos.

— Caio — disse, — é verdade que neste país apareceu um filósofo que sara os doentes?

— Aqui dá-se o nome de profetas a êsses homens — respondeu Cinna. — Ouvi falar dêsse, e tive vontade de chamá-lo. Mas parece que não passa de um mago astucioso. Além de que, blasfema contra as coisas sagradas e as crenças do país. Por essa razão, o pretor o condenou à morte. Devem crucificá-lo ainda hoje.

Antéa vergou a cabeça.

— Há-de ser o tempo que te há-de curar — disse Cinna, lendo a tristeza no pálido semblante da doente.

— O tempo está ao serviço da morte, não ao serviço da vida — respondeu ela, lentamente.

De novo fêz-se um silêncio.

Em redor, as nódoas de ouro continuavam a scintilar e a resplandecer. Os gafanhotos faziam vibrar mais fortemente as asas, e das fendas dos rochedos saíam sardaniscas a instalarem-se na pedra ardente.

De vez em quando, Cinna olhava Antéa. Pela milésima vez acudia-lhe a desesperadora idea de que estavam esgotados todos os recursos de salvação, tôda a vã esperança, e que em breve, do ser

adorado, nada mais restaria do que uma sombra efémera e uma pitada de cinza no columbário [1].

E já agora, de olhos fechados, estendida na liteira florida, Antéa parecia morta.

«Irei contigo!» murmurava Cinna.

Neste momento ouviu-se um rumor de passos.

Antéa empalideceu ainda mais. Os seus lábios entreabertos aspiravam com avidez o ar, o peito erguia-se-lhe num resfolegar opresso.

A pobre mártir pensava que a multidão de invisíveis espectros se ia aproximando, a anunciar o aparecimento da face de cadáver, de órbitas vítreas.

Mas Cinna pegou-lhe na mão e fêz por tranqüilizá-la.

— Nada receies, Antéa! Também eu ouço os passos.

Um instante depois, acrescentou:

— É Pôncio que nos vem visitar.

Com efeito, na curva do atalho, o pretor surgiu, escoltado por dois escravos.

Era homem de meia idade, com o queixo redondo e glabro, que transpirava majestade fingida, ao mesmo tempo que lassidão e inquietação verdadeiras.

— Salvé, nobre Cinna, e a ti, divina Antéa —

---

[1] Jazigo subterrâneo em que os romanos colocavam as urnas funerárias. (Nota do tradutor).

disse, entrando na sombra do alfostigueiro. — Que abrazadora manhã depois de noite tão fria!... Mas que ela vos traga felicidade a ambos, e que a saúde de Antéa refloresça como estes jacintos e estas flores de pomar que ornam a liteira!

— Salvé a ti também, Pôncio. Sê bemvindo! — respondeu Cinna.

O pretor sentou-se sôbre uma anfratuosidade da rocha, contemplou a joven patrícia, franziu levemente as sobrancelhas e disse:

— O isolamento faz nascer a doença e o tédio, emquanto que no meio da multidão esquecem-se às vezes receios desrazoados. Vou por isso dar-vos um conselho. Desgraçadamente, isto aqui não é Antiochia nem Cesaréa; não há jogos nem arenas; e se organisássemos um circo, os fanáticos reduzi-lo-iam a ruínas no dia seguinte. Não se ouve por aqui pronunciar senão a palavra: «Lei», e a lei contraria tudo. Preferiria viver antes na Sítia do que neste país.

— Que ias tu a dizer, Pilatos?

— É verdade, afastei-me do assunto. Os meus cuidados dão causa a estas irreflexões. Ia dizendo que entre a turba não há a oportunidade para êsses pavores injustificáveis. Precisamente hoje, podíeis aproveitar um espectáculo. Em Jerusalém devemos contentar-nos com pouco. É necessário conseguir, sôbre tudo, que Antéa se encontre à hora do meio-dia entre a multidão. Três homens devem morrer hoje na cruz. Como vêdes, é pouco.

Mas é tudo o que tenho para oferecer-vos. Acresce que por ocasião da Páscoa, os mais singulares mendigos concorrem à cidade, de todos os pontos da região. Podeis contemplar à vontade essa gente. Darei ordem para que vos reservem um bom logar, perto das cruzes. Espero que os condenados morrerão corajosamente. Um dêles — estranho personagem! — intitula-se Filho de Deus. É terno e benigno como uma pomba, e com efeito nenhum crime cometeu pelo qual mereça o suplício.

— E condenaste-o a ser crucificado?

— Empenhei-me em evitar tôda a espécie de dissabores, e ao mesmo tempo em não mexer no ninho de vespas que zumbem em volta do templo. Já não são poucas as queixas que contra mim mandam todos os dias para Roma. E afinal, como não se trata de um cidadão romano...

— O condenado não sofrerá menos por isso!

O pretor não respondeu logo. Sòmente passados alguns minutos recomeçou a falar como se estivera pensando alto:

— Há uma coisa para mim insuportável: o exagêro. Quem quer que seja, que diante de mim pronuncie semelhante palavra, põe-me de mau humor para todo o dia. O meio têrmo, eis onde a minha sabedoria me dita de permanecer. Acontece que não há por tôda a terra outro país onde mais deva ser rigorosa esta lei, do que neste. Como tudo isto me é penoso! Em parte alguma encontro, nos homens ou na natureza, a paz e o equilí-

brio... Senão, repara. Estamos na primavera. Pois bem! As noites são glaciais, e os dias tão quentes que as pedras escaldam as plantas dos pés. Ainda estamos longe do meio-dia e vê êste sol de cratera! Emquanto aos homens, mais vale não falar dêles. Mas emfim, não se trata disso... Mais uma vez, desviei-me do assunto... Ide assistir ao suplício. Tenho a certeza de que êsse Nazareno saberá morrer com coragem. Dei ordens para o fustigarem, julgando salvá-lo assim da morte. Nunca fui um homem cruel... Emquanto o vergastavam, permaneceu paciente como um cordeiro e abençoava o povo. Quando o sangue o inundava, erguia os olhos para o céu e orava. É o homem mais extraordinário que tenho visto em dias de minha vida... Desde essa hora, minha mulher não me deixou tranqüilo um só instante: «Não faças padecer um inocente!» — não cessava de dizer-me. Era êsse também o meu desejo. Por duas vezes saí do pretório para falar a êsses sacerdotes furiosos, a essa plebe miserável. Tempo perdido! Como uma só voz, gritavam-me, de cabeça derribada para a nuca e a bôca escancarada até às orelhas:

«Crucifica-o!»

— E tu cedeste? — perguntou Cinna.

— De outra maneira, haveria indignação pela cidade, e eu estou aqui para manter a ordem. Tenho que cumprir o meu dever... Detesto os exageros. E além de tudo, sinto-me profundamente

cansado... Mas desde que decidi uma coisa, sacrifico sem hesitação a vida de um homem pelo bem de todos, tanto mais que êste é um desconhecido e ninguém se importará com êle. Peor para o filósofo, se não é um Romano!

— O sol não luz apenas para Roma, — fêz notar Antéa.

— Divina Antéa, — replicou o pretor, — poderia responder-te que, sôbre tôda a terra, êle apenas brilha para o poder romano; e que a êle se deve sacrificar tudo! Quanto mais, os agitadores que o comprometem! Mas antes de mais nada, suplico-te, não me peças para revogar a sentença. Cinna pode certificar-te de que é impossível. Uma vez a sentença proferida, só César póde revogá-la. Assim, mesmo que eu quisesse, não poderia fazê-lo. Não é verdade, Caio?

— É verdade.

Mas era evidente que estas palavras tinham produzido uma penosa impressão em Antéa, que disse, como se falasse consigo mesma:

— Pode-se pois sofrer e morrer, sendo inocente?

— Não se trata de inocentes — respondeu Pôncio. — Êste Nazareno não cometeu crimes. Por isso, como pretor, daí lavei as mãos. Mas como homem, condeno as suas doutrinas. De propósito, conversei muito tempo com êle. Queria sondá-lo e convenci-me de que ensinava espantosas coisas... É bastante difícil de compreender. A vida da humanidade deve ser baseada na razão... É ne-

cessária a virtude? Quem o nega? Eu, por certo, não. Os próprios estóicos prescrevem que se permaneça calmo em face de uma opinião contraditória. Mas os estóicos não exigem o desprendimento de tudo, desde a fortuna até à refeição do dia presente. Dize-me, Cinna, — tu que és um homem razoável, — que pensarias de mim se, sem o menor motivo, desse esta casa que habitas àquele farroupilha que se está aquecendo ao sol, lá ao longe, perto da porta de Jaffa?

«Entretanto, é o que êle pede!... Diz também que é preciso amar a humanidade inteira, sem distinção: os Hebreus como os Romanos, os Romanos como os Egípcios, os Egípcios como os Africanos, e assim sucessivamente. Então, isso bastou-me! Nas ocasiões em que para êle se debatia uma questão de vida ou de morte, haverias de dizer que nem dele se tratava. Nesses momentos, apenas duas coisas o preocupavam: ensinar e orar. Ora, eu não tenho como dever salvar a vida àqueles que pouco caso parecem fazer dela. E afinal, êle intitula-se Filho de Deus. Abala os alicerces da sociedade: é pois nocivo aos homens. Que pense como quiser, tem liberdade para isso; mas não para abalar as bases sociais e subverte-las... Como homem privado, protesto contra a sua doutrina. Admitamos que não creio nos Deuses. Ninguém tem nada que ver com isso, senão eu. Entretanto reconheço a necessidade da religião. Afirmo-o em alta voz, porque estou convencido de que a

religião é um indispensável freio para a populaça. Os cavalos devem ser atrelados ao carro, e bem atrelados... Demais, a morte não deve assustar êsse Nazareno: pretende que ressuscitará!

Cinna e Antéa trocaram um olhar de surprêsa.

— Ressuscitará?

— Em três dias, nem mais, nem menos. Os seus discípulos assim o prègam também. Esqueci-me de o interrogar sôbre êste assunto. Mas isso pouco importa, desde que a morte desobriga das promessas... Mesmo que não ressuscitasse, nada perderia com isso, porque, segundo a sua própria doutrina, a verdadeira felicidade, assim como a vida eterna, apenas começam após a morte. Diz estas coisas fabulosas com absoluta convicção. Há mais claridade no seu Hades do que em todo o mundo sublunar. Quem mais sofre na terra, mais probabilidades tem de habitar as nuvens! Basta para isso amar, amar ainda, amar sempre!

— Singular doutrina! — exclamou Antéa.

— E a plebe gritava-te: « Crucifica-o! » — exclamou por sua vez Cinna.

— Isso não me surpreendeu. A alma dêste povo é feita de ódio. Quem, senão o *Ódio,* é capaz de exigir a cruz em troca do amor?

Antéa passou a mão emmagrecida pela fronte:

— Será certo que se pode viver e ser feliz depois da morte?

— Nessa persuasão êle não teme a cruz nem a morte...

— Quanto seria delicioso, Caio!

Passado um momento, Antêa perguntou ainda:

— Mas como o sabe êle?

O pretor fêz um gesto:

— Pretende sabê-lo do Pai de todos os homens, que é para os judeus o que para nós é Júpiter, com a distinção apenas de que, segundo o Nazareno, Êle é único e misericordioso.

— Quanto seria bom, Caio! — repetiu a doente.

Cinna entreabriu os lábios, como se tivera alguma coisa para dizer, mas calou-se e a conversa morreu.

Pôncio, pensando sem dúvida na doutrina do Nazareno, meneava a cabeça e encolhia os ombros.

Afinal ergueu-se para despedir-se.

Súbitamente, Antéa disse:

— Caio, vamos ver o Nazareno!

— Apressai-vos! — observou Pilatos, afastando-se, — em breve o cortejo sairá da cidade.

VIII

Aproximava-se o meio-dia. A manhã, primeiro cálida e serêna, principiava a ennevoar-se. Do nordeste acudiam nuvens, negras e de um vermelho de cobre, pequenas mas espessas, evidentemente impregnadas de tempestade, que a espaços deixavam ainda ver o azul do céu. Mas dentro em breve, unidas, esconderiam sob um escuro véu todo o firmamento. O sol franjava as suas fímbrias com rendas de ouro.

Por cima da cidade e das colinas vizinhas uma larga fita do céu claro aparecia ainda, emquanto no vale as aragens enlanguesciam, estagnadas.

Sôbre o elevado planalto do Gólgota estão já instalados, aqui e acolá, pequenos grupos de homens, que se tinham apressado em tomar os melhores logares, antes que o cortejo saísse da cidade.

O sol abrasava a extensão pedregosa, vasta, erma, estéril e triste. A monotonia de um moreno

côr de pérola era apenas cortada pelas ravinas e socalcos, que ressaltavam tanto mais negros quanto o planalto estava nesse instante iluminado violentamente pelo sol. Ao longe, erguiam-se altas colinas sáfaras e pedregosas, envolvidas numa neblina violeta.

Mais abaixo, entre as muralhas da cidade e o plano do Gólgota, estendia-se a planície fragoenta, mas menos árida. Nas escavações, onde se amontoara um pouco de lôdo, erguiam-se figueiras de folhagens escassas. Avistavam-se também construções de tetos rasos, amparadas às fragas como ninhos de andorinhas: ou túmulos brancos, resplandecendo vivamente ao sol.

Nesse dia, por motivo da proximidade das festas, habitantes de tôda a província tinham chegado a Jerusalém. Em volta das espessas muralhas da cidade erguera-se um vasto acampamento, com tendas e casebres armados, verdadeiro formigueiro de homens e camelos.

O sol subia sempre no azul ainda desimpedido de nuvens. Era a hora em que, de costume, aquelas alturas estavam mergulhadas num severo silêncio e todos os sêres vivos procuravam abrigo sob os muros da cidade ou nas sinuosidades dos terrenos.

Mesmo apesar da animação que reinava neste momento, uma certa melancolia evolava-se da monótona extensão, onde caía a luz ofuscante do sol sôbre as moles cinzentas das penedias. E ouvia-se

o eco de um rumor distante que vinha da cidade, como um rolar incessante de vagas, parecendo fundir-se no silêncio ambiente.

Os grupos isolados, que desde a madrugada se haviam instalado no Gólgota, voltavam a cada passo os olhos para a cidade, na espectativa do cortejo que ia sair.

A liteira de Antéa apareceu, escoltada por uma dezena de pretorianos, encarregados de abrir caminho através a turba-multa e preservar os estrangeiros das insolências da plebe fanática.

Ao lado da liteira caminhava Cinna, em companhia do centurião Rufilo.

Antéa parecia mais tranqüila, e menos inquieta com a aproximação do meio-dia — hora em que se manifestavam as visões pavorosas.

Tudo quanto o pretor dissera do moço Nazareno apoderara-se do seu espírito o desviava-lhe a atenção do mal horrível de que sofria.

Havia nisso alguma coisa de extraordinário que ela não podia compreender.

A humanidade de então vira morrer muita gente tranqüila como as piras funerárias quando se extinguem ao consumir da madeira. Mas era o resultado calmo da coragem, ou a resignação filosófica em face da necessidade de passar da claridade às trevas, da vida real para uma outra existência vaga, aéria, indefinida.

Até então, ninguém abençoara a morte; ninguém morrera na inabalável certeza de que só-

mente, além da fogueira ou do túmulo, começava a verdadeira vida, a verdadeira felicidade — tão grande e infinita como só um sêr infinito e todo-poderoso a pode conceder.

Aquele que deviam crucificar daí a pouco anunciava-o como uma verdade indiscutível; e esta doutrina impressionara Antéa, parecendo-lhe a única fonte da consolação e da esperança. Ela sabia que ia morrer, e um infinito pesar trespassava fibra a fibra tôda a sua carne.

O que era a morte para ela? A separação de Cinna, de seu pai, de tôda a gente, de todo o amor: o frio, o aniqüilamento, as trevas. Tanto melhor se sentisse na vida, quanto mais profunda deveria ser a sua angústia. Se a morte lhe podesse servir para alguma coisa, se podesse levar com ela uma parcela da recordação do seu amor, da recordação da sua felicidade, da recordação da sua juventude — então encontraria a fôrça de alma para se submeter.

E eis que de repente, nada esperando da morte, vinham ensinar-lhe qué a morte podia dar-lhe tudo! E quem lho ensinava? Um homem extraordinário, mestre, profeta, filósofo, que prégava o amor aos seus semelhantes como sendo a mais alta das virtudes, que os abençoava na própria hora em que o fustigavam, e a quem iriam pregar daí a pouco numa cruz.

E Antéa divagava:

«Porque razão prègará êle assim, desde que a

única recompensa que disso lhe advem é a cruz? Alguns aspiram ao poder. Êle não: e permaneceu humilde. Outros desejam palácios, luxo, festins, vestiduras de púrpura, quadrígulas atauxiadas de marfim e de nácar. Êle viveu como um pastor no meio do rebanho. Ensina o amor, a piedade e a pobreza. Não pode ser um mau e enganar deliberadamente os seus semelhantes. Se pois diz a verdade, bemdita seja a morte: a morte, desfecho da humildade terrestre, permutação de uma felicidade menor por uma ventura maior, luz para os olhos que se apagam, asas que levam para a mansão da eterna alegria!...»

Antéa compreendia agora a proclama da ressurreição.

O coração e o espírito da mísera doente adoptaram com entusiasmo esta doutrina. Lembrou-se das palavras de Timon, que muitas vezes afirmava que só a nova verdade conseguiria arrancar a alma humana das trevas e libertá-la das algêmas que a manietavam. Era aquela a nova verdade: — vitoriosa da morte, trazia a salvação às almas angustiadas!

Antéa estava tão profundamente imersa nas suas reflexões que, pela primeira vez desde há muito, Cinna não lhe descobriu no rosto pálido os sinais de habitual ansiedade, à aproximação do meio-dia.

O cortejo saíu de Jerusalém e encaminhou-se para o Gólgota.

Da eminência onde se achava a liteira de Antéa, podiam-se distinguir as mais imperceptíveis minudências

Era considerável a multidão: dir-se-ia contudo que se fundia no espaço do deserto pedregoso. Da porta da cidade, aberta de par em par, transbordavam sempre novas vagas humanas, aumentadas de caminho pela turba que esperava fora dos muros. Às ilhargas da torrente humana agitavam-se enxames de crianças.

O cortejo coloria-se com a alvura das túnicas e mantos dos homens, dos véus vermelhos e azúis das mulheres. Ao centro scintilavam os gládios e os espículos das lanças dos guerreiros romanos.

O rumor das vozes chegava, primeiro confusamente, depois em progressão, cada vez mais distinto. Por fim o cortejo aproximou-se e as primeiras colunas principiaram a trepar a colina.

A multidão disputava furiosamente os melhores logares, para que nenhum detalhe do monstruoso suplício deixasse de ser presenceado.

A escolta, que cercava os condenados, ficou para trás, retardada pelas ondas crescentes do povoléu.

As crianças foram as primeiras a aparecer. Eram na maior parte rapasitos semi-nús, de olhos azúis e fala penetrante, com os rins cingidos por um farrapo, os cabelos rapados à navalha, e dois anéis balouçando sôbre as têmporas côr de azeitona.

Em agudos gritos, atiravam-se para as escavações, à procura de fragmentos de rochas desagregadas, para arremessar mais tarde aos crucificados.

Atrás dêles, uma grande parte da turba atingiu a chapada da colina. Todos os rostos se iluminavam à esperança de um espectáculo digno de interêsse, mas em nenhum se apercebia o menor vestígio de piedade. Os clamores, a precipitação da linguagem e a exuberância dos gestos, chegavam a surpreender Antéa, a-pesar-de habituada à plebe grega de Alexandria, faladora e barulhenta. Os homens falavam entre si como se fôssem atirar-se uns contra os outros, e vociferavam como se estivessem defendendo a própria salvação.

O centurião Rufilo, aproximando-se da liteira, dava explicações a Antéa, num tom de voz tranqüilo e grave, emquanto da cidade rompiam sempre em tropel novas ondas humanas.

Viam-se habitantes forenses de Jerusalém, que se continham afastados da plebe dos subúrbios; camponeses acompanhados das famílias, atraídos pela proximidade das festas; cavadores de surrão às costas; pastores com o ar atordoado e estupefacto, vestidos de peles de cabras.

As mulheres baralhavam-se com os homens. Mas como as habitantes abastadas se não expunham fàcilmente em público, o que se via mais eram aldeãs fanáticas e ruïdosas e cortesãs de túnicas coloridas, de cabelos, supercílios e unhas

tingidas, ostentando grandes rocais de sequins e espalhando até longe, em redor delas, o aroma doce do nardo.

Por último, é o Sinedrim que chega, rodeando Hannan: velho de perfil de abutre e pálpebras vermelhas; e o obeso Caifaz, coifado com a mitra de dois bicos e trazendo as tábuas douradas suspensas sôbre o peito. Atrás dêles as diversas congregações de Fariseus: os que *arrastam os pés,* tropeçando de propósito em imaginários obstáculos; os que se *ensangüentam* voluntáriamente e cabeceiam pelas paredes; e os que caminham *dobrados,* como prontos a carregar aos ombros os pecados do povo inteiro. A sua importância taciturna e o contido furor pintado nos rostos, distinguiam-nos nítidamente do populacho rumoroso. Cinna fitava os transeuntes com o desprêzo do homem pertencente à nação suzerana; Antéa com espanto e temor. Grande número de hebreus viviam em Alexandria, mas quási lhe pareciam gregos. Agora via-os pela primeira vez, tais como lhos havia descrito o pretor.

O rosto juvenil de Antéa, embaciado já pela aproximação da morte, e todo o seu vulto esguio e diáfano de sombra, prendiam as atenções da populaça. A plebe examinava-a com a insistência que lhe permitia a escolta de pretorianos.

Nenhum rosto testemunhava piedade pela mísera enfêrma. Era manifesto em tôda a turba o desprêzo e o rancor pela estrangeira. Os olhos irri-

tados dos judeus exprimiam alegria ao contemplar a face cadaverosa da grega.

Então Antéa compreendeu porque essa gente exigia a crucificação para o profeta que prègava o Amor. E o Nazareno pareceu-lhe de súbito como um sêr parente e quási amado. Ia morrer; ela também esperava a morte. A sentença fôra proferida. Coisa alguma podia salvá-lo. Para ela também se pronunciara uma irrevogável sentença; e parecia-lhe que ambos estavam ligados por uma espécie de fraternidade na desgraça e na morte.

Sòmente, Êle caminhava para a cruz com a fé de um futuro radioso, emquanto que ela não possuía essa ardente fé. E era ao seu lado que Antéa vinha procurar a esperança.

O tumulto longínquo aumentava; um sibilo varou os ares. Em seguida um urro enorme retumbou. E tudo emmudeceu.

Distinguiu-se o tilintar e retinir das armas, os pesados passos dos legionários. A multidão retrocedeu, desviou-se, e a escolta que conduzia os condenados alcançou as alturas da liteira.

Adiante, nos flancos e atrás marchavam os soldados; ao centro avistavam-se três cruzes, que pareciam caminhar no espaço, milagrosamente, porquanto os homens que as conduziam vinham vergados sob a pesada carga, como aleijados.

Podia-se logo perceber que o Nazareno não era nenhum daqueles três homens. No rosto dos dois padecentes liam-se os vestígios de uma vida de

crimes e de vícios; e o terceiro, aldeão idoso, paciente e robusto, carregava evidentemente a cruz pelo outro condenado.

Atrás dêles caminhava Jesus de Nazareth, entre dois legionários. Um manto de púrpura encobria-lhe as vestes. Da cabeça, cingida por uma coroa de espinhos, o sangue escoava em gotas vermelhas, que lhe escorriam lentamente pela face ou se coagulavam na testa, entre os cabelos, semelhantes a festões de miudinhas rosas silvestres ou aos corais de um rosário.

Vinha pálido, avançando lentamente, em passos débeis e cambaleantes.

Entre as zombarias da populaça, parecia mergulhado numa meditação que ultrapassava os limites do mundo visível, como desprendido da terra e surdo aos clamores odiosos. Trazia uma expressão de benignidade que excedia a medida do perdão humano, de uma comiseração que excedia a medida da humana piedade; e aureolado já de infinito, pairando numa grande altura sôbre os males terrestres, parecia contudo arrastar consigo o sofrimento de todo o universo.

— É a verdade! — murmuraram os lábios palpitantes de Antéa.

O cortejo atingira nessa ocasião a liteira, parado emquanto os legionários da testeira abriam com os contos das lanças e os pesados gládios, de punhos de bronze, passagem através a plebe barulhenta.

Antéa via agora o Nazareno à curta distância de alguns passos. Enxergava os seus cabelos ondulando à aragem, os reflexos vermelhos do manto descendo-lhe ao rosto pálido e diáfano.

A multidão, arrojando-se para êle, cercou àvidamente os legionários, que se viram obrigados a retesar os arcos para preservar o condenado do furor da canalha. De tôda a parte se erguiam punhos crispados. Viam-se olhos esbrugados das órbitas, dentes luzidios, ásperas barbas em desordem, bôcas babando espuma e rugindo imprecações.

Êle circunvagou pela multidão o olhar cândido, como a perguntar:

«Que vos fiz eu?»

Depois ergueu os olhos límpidos ao céu e orou.

— Antéa! Antéa! — exclamou Cinna.

Mas ela parecia não ouvir o seu apêlo.

Grandes lágrimas desciam-lhe pelas faces. Alheou-se da própria enfermidade; esqueceu que desde tempos imemoriais não deixava a liteira. Ergueu-se, e tôda palpitante, como enlouquecida de piedade, de comiseração, e de indignação contra aquela turba furiosa e em delírio, entrou a arrancar os jacintos e as flores de pomar, de sôbre os coxins da liteira, espalhando-as piedosamente aos pés do Nazareno.

Nisto, fêz-se um grande silêncio. Tôda a multidão permaneceu surprêsa, à vista daquela nobre Romana que rendia homenagem a um condenado.

Este desceu o olhar sôbre o rosto pálido e doentio da joven patrícia, e os lábios exangues agitaram-se brandamente como para abençoá-la.

Antéa deixou-se tombar de novo sôbre os coxins de púrpura da liteira. Sentia-se inundada por uma torrente de luz, de bondade, de esperança e de felicidade... E ainda uma vez, murmurou:

— Tu és a Verdade!

Depois, novamente, as lágrimas brotaram-lhe dos olhos.

O padecente havia já passado, conduzido para o lugar onde, numa escavação de rochedo, estavam cravadas as três conceiras que deviam amparar erguidas as três enormes cruzes. Uma onda de povoléu escondeu-lho por um momento; mas o local do suplício era elevado e Antéa depressa tornou a ver a face pálida de Jesus e a sua coroa de espinhos.

Os legionários tiveram ainda de fazer recuar pela fôrça, com os cabos de ferro dos arcos, a multidão que embaraçava os preparativos do suplício.

Içaram-se os dois ladrões para as cruzes laterais. No alto da cruz central tinham pregado um dístico branco, cujas extremiddes o vento enrolava e sacudia.

Ao aproximarem-se os soldados do Nazareno para o despir, de entre os espectadores partiram gritos de escárnio.

—Rei! Rei! Não te deixes despir, rei!... Onde estão as tuas legiões? Defende-te!...

A êsses urros misturavam-se gargalhadas. Dir-se-ia que todo o socalco pedregoso estava sendo sacudido por um formidável paroxismo de chasco.

O condenado fôra lançado a terra, para se lhe pregarem as mãos aos braços transversais da cruz e içá-lo, como aos outros, no madeiro.

Nesse instante, um homem postado não longe da liteira, e vestido com uma samarra branca, cobriu a cabeça com cinza e clamou numa voz ecoante e desvairada:

—Eu era um leproso e êle curou-me! E vão crucificá-lo?

Antéa, de uma palidez de mortalha, suspendeu-se ao braço de Cinna.

—Curou-o!... Ouves, Caio?

—Queres voltar para casa?—perguntou Cinna, muito trémulo.

—Não; quero ficar.

Um incomensurável desespêro, quási selvagem, apoderou-se de Cinna, ao pensar que não recorrera ao Nazareno para sarar Antéa.

Mas nesse momento, os soldados aplicavam os cravos às mãos do condenado, e principiavam a enterrar-lhos a pancadas de martelo.

Ouviram-se as pancadas amortecidas do ferro resoando no ferro... Depois o som horrível tornou-se mais distinto, quando os cravos trespassa-

saram as carnes e começaram penetrando na madeira.

A multidão calara-se para escutar os lamentos que a dor devera arrancar aos lábios do Nazareno.

Mas êste permanecia mudo; e por tôda a esplanada apenas se ouviam as sinistras pancadas do martelo.

Por fim, quando se terminou o trabalho, ergueu-se na cruz o corpo já sanguinolento do supliciado. Com uma voz cantante e monótona, o centurião deu as ordens para se pregarem ao poste os pés de Jesus.

As nuvens que desde a manhã se aglomeravam, obscureciam agora todo o céu. O cegante fulgor em que ardiam as colinas longínquas e as penedias, apagou-se súbitamente. A luz desceu. Uma sombra sinistra, de um vermelho de cobre, envolveu tôda a região, condensando-se à medida que o sol se submergia na profundidade espêssa das nuvens.

Dir-se-ia que alguém semeava das alturas esmagadoras trevas. Uma ventania ardente varreu uma primeira vez a terra, e uma segunda; e parou. A atmosfera tornava-se de um insuportável pêso.

De súbito, os vermelhos clarões escureceram por sua vez. As nuvens, taciturnas como a noite, desceram por enormes avalanches sôbre o povo e o planalto. A tempestade aproximava-se... Tôda a terra respirava ansiedade.

— Voltemos para casa, — disse de novo Cinna.

— Quero vê-lo ainda, — respondeu Antéa.

A penumbra escurecia os corpos suspensos das cruzes. Cinna deu ordens para que transportassem a liteira para mais perto do calvário.

Sôbre o madeiro escuro, o corpo do Crucificado parecia, a meio da obscuridade ambiente, como tecido a raios de luar. Soerguia-lhe o peito uma respiração opressa, mas a cabeça e os olhos continuavam voltados para o céu.

Do seio profundo das nuvens partiu um longínquo estrondo.

O trovão acordou os ecos do céu, rolou com um ensurdecedor fracasso desde o oriente ao ocidente... Depois, como numa espécie de queda num precipício sem fundo, diminuíu, redobrou, para rebentar numa explosão que estremeceu a terra até às entranhas.

E logo um relâmpago formidável e azul rasgou as nuvens, iluminou violentamente o céu, a terra, as cruzes, as couraças dos guerreiros e a turba, amontoada como um rebanho espavorido de carneiros.

Uma mais profunda obscuridade sucedeu ao relâmpago.

A meio do silêncio ouvia-se o soluçar convulso das mulheres acolhidas ao pé da cruz.

Aqueles que tinham vindo juntos e se haviam perdido na confusão e no tumulto, interpelavam-se em alta voz. Aqui e além, vozes inquietas erguiam-se.

— Oyah! Não teríamos crucificado um Justo?

— Êle testemunhava a verdade! Oyah!

— Êle ressuscitava os mortos! Oyah!

Alguém clamou:

— Desgraçada de ti, Jerusalém!

E outra voz gritou espavorida:

— A terra treme!

Uma nova torrente de relâmpagos desencadeou-se das profundidades das nuvens, semelhantes a gigantescas labaredas. As vozes extinguiram-se no estrépito da tempestade, que se erguia com medonho furor, arrancando aos homens os mantos e dispersando-lhos pela planície.

— A terra treme! — de novo gritavam entre a confusa turba.

Uns fugiam, largavam a correr por entre as penedias, descendo as ribanceiras; outros, imobilizados pelo terror, permaneciam como petrificados, na vaga consciência de que alguma coisa de horrível acabava de suceder.

Mas eis que de repente as trevas se dissolvem. O vento vai dispersando as nuvens, distendendo-as como elásticos, embrulhando-as como novelos, para as rasgar depois como farrapos sujos. A claridade aumenta. Por fim o véu sombrio entreabre-se, e pelo rasgão precipita-se uma onda fulgurante de raios solares. Tudo se iluminou: o calvário, as cruzes, as faces terrificadas.

A cabeça do Nazareno inclinava-se sôbre o

peito, pálida como cera. Os olhos permaneciam abertos e os lábios tinham-se tornado lívidos.

— Morto! — murmurou Antéa.

— Morto! — repetiu Cinna.

Neste momento, o centurião, erguendo a lança, rasgou com o espículo reluzente o flanco do supliciado.

E coisa singular: ao tornar a ver aquele sol e aquele morto, a multidão reanimou-se, foi-se aproximando aos poucos do local do suplício, de onde os soldados a não expulsavam já.

Vozes zombeteavam:

— Desce da cruz! Desce da cruz!

Antéa contemplou ainda aquela divina cabeça inclinada, e disse em voz baixa, como a si mesma:

— Ressuscitaria êle, com efeito?

Viam-lhe os olhos e os lábios maculados de nódoas violáceas, os braços hirtos e inertes, o corpo imóvel e descaído, mas não obstante, o som estranho da sua voz revelava uma desesperante dúvida.

A mesma dúvida atormentava a alma de Cinna. Também não acreditava na ressurreição do Nazareno, mas parecia certo que, emquanto vivo, só Êle, pelo seu poder maléfico ou maligno, poderia curar Antéa.

A multidão aumentava incessantemente em volta da cruz. Cada vez mais escarninhas, as vozes recomeçavam a zombar:

— Desce da cruz! Desce da cruz!

— Desce! — exclamou Cinna, de todo o seu coração desesperado. — Cura-a, e levarás contigo a minha alma!

O céu tornou-se límpido. Os montes ficavam ainda envoltos na bruma. Mas por cima do Gólgota e da cidade não pairava mais uma única nuvem. A torre Antónia resplandecia ao sol como um outro sol. No ar, que refrescara, revolteavam agora centenas de andorinhas.

Cinna fêz sinal de que era necessário voltar.

Desde muito, a hora meridiana passara. Ao aproximar-se de casa, Antéa disse:

— Hécata não veio hoje!

Cinna já tinha pensado nisso.

IX

A visão não reapareceu no dia seguinte.

A doente sentia-se animada, porque Timon, inquieto com a saúde de Antéa e alarmado por uma carta de Cinna, deixara à pressa Alexandria e tinha chegado nessa manhã de Cesaréa para rever pela última vez a sua filha única.

A esperança recomeçava a bater no coração de Cinna, pedindo que a deixassem entrar. Mas Cinna não ousava abrir-lho e não ousava esperar.

Em Alexandria e no deserto, acontecera-lhe ter dêstes intervalos de esperança entre as visões que massacravam Antéa; mas apenas de um dia, nunca de dois.

Cinna atribuía o alívio actual à presença de Timon e à impressão que Antéa trouxera do suplício; impressão tão profunda que não podia falar de outra coisa, mesmo com seu pai.

Êste escutava-a com recolhimento, sem replicar.

De outras vezes interrogava-a sôbre a doutrina do Nazareno, da qual Antéa apenas sabia o que lhe dissera o pretor.

A doente sentia-se melhor e mais robusta, e um raio de esperança tremeluzia nas suas órbitas quando a hora do meio-dia passou sem as visões. Repetidas vezes, Antéa qualificou êsse dia de auspicioso e suplicou a Caio que dele se lembrasse e nunca o esquecesse.

Mas lá fora estava um dia frio e sombrio. Das nuvens baixas e monotonas caía sem descontinuar uma chuva, primeiro copiosa, depois fina, fria, trespassante.

Apenas para a tarde o sol aclarou e o grande disco solar coloriu de púrpura e ouro as nuvens, as penedias cinzentas do deserto, o mármore branco dos pórticos das vilas, para ir mergulhar em seguida, muito longe, nos abismos do Mediterraneo.

Em compensação, ao outro dia, o tempo apareceu esplêndido. A tarde ameaçava ser quente, mas a manhã era cheia de frescura, o céu sem a mais pequenina nuvem, e a terra de tal maneira inundada da rutilância do azul, que todos os objectos pareciam azulados.

Antéa fêz-se transportar para debaixo do seu alfostigueiro favorito, que dominava a colina.

Cinna e Timon, sem abandonarem por um só instante a liteira, espiavam o mais leve movimento nas feições da convalescente.

Notaram uma vaga inquietação produzida pela espectativa, mas coisa alguma dêsse pavor mortal que a invadia de costume à aproximação do meio-dia. Agora, o seu olhar era mais límpido e as faces tinham-se colorido de um débil resplendor côr de rosa.

Finalmente, Cinna ousava esperar que sua mulher pudesse sair vitoriosa da medonha doença. E a êste pensamento experimentava o desejo de rebolar pela terra, deixar correr livremente as lágrimas de alegria e abençoar os deuses. Mas depois, um outro pensamento vinha apertar-lhe o coração. Talvez tanta melhora fôsse apenas o bruxolear de uma luz que vai extinguir-se. Querendo a todo o transe fortificar a sua esperança, voltava a cada momento os olhos para Timon. Mas o filósofo teve sem dúvida o mesmo pensamento, porque desviava sempre o olhar de Cinna.

Ninguém fêz a mínima alusão à proximidade do meio-dia. Mas Cinna, que não cessava de seguir o progresso da sombra, sentiu palpitar o coração quando reparou que ela ía diminuindo rápidamente, minguando a cada pulsação das artérias.

Ficaram assim, imersos numa espécie de meditação; e a menos inquieta parecia ser a própria Antéa.

Estendida na liteira descoberta, a cabeça pousada numa almofada de púrpura, aspirava com delícia as emanações frescas que a brisa trazia do ocidente, dos lados do mar.

Mas à aproximação do meio-dia, esta brisa tornou-se mais débil, emquanto o calor aumentava. Os tufos de nardo, aquecidos pelo sol, exalavam um capitoso perfume. Sôbre um grupo de anémonas revolteavam borboletas matizadas. Pequenos lagartos, já habituados àquela liteira e àqueles vultos, saíam sem receio dos esconderijos. A terra inteira repousava, sob a influência da luz e do calor debaixo do zimbório sereno do firmamento azul.

Timon e Cinna pareciam abismar-se também na paz imensa. Como solicitada pelo sono, a doente desceu as pálpebras, e só um profundo suspiro saído do seu peito, veio perturbar o silêncio. De repente, Cinna reparou que a sombra perdera a forma oblonga e se aquietara, encolhida, a seus pés.

Era meio-dia.

Antéa abriu os olhos, disse numa estranha voz:

— Caio, dá-me a tua mão!

Êle ergueu-se bruscamente, com o sangue esfriado nas veias. Aproximava-se o momento horrível das visões.

— Vês, — exclamou Antéa, — esta luz que se acumula lá ao longe no éter? Como ela treme, scintila, caminha para mim...

— Antéa, não olhes para êsse lado! — bradou Cinna.

Mas, ó milagre! o seu rosto pálido não exprimia nenhuma espécie de terror. Os lábios abri-

ram-se, os olhos engrandeciam-se numa contemplação radiosa, e uma alegria incomensurável inundou-lhe a face transfigurada.

— Uma coluna de luz caminha para mim, — exclamou. — Vejo!... É Êle: É Jesus de Nazareth!... Sorri... Oh! o doce! Oh! o misericordioso!... As mãos trespassadas estendem-se sôbre mim como as mãos de uma terna mãe!... Caio! Traz-me a saúde, a salvação, e chama-me...

Cinna, muito pálido, respondeu:

— Se nos chama vamos com êle!

Uma hora depois, do lado oposto, no atalho pedregoso que subia da cidade, apareceu Pôncio-Pilatos. Pelo semblante, podia averiguar-se que trazia alguma nova considerada por êle, — inimigo de exageros, — como uma invenção da plebe crédula e ignorante.

E com efeito, gritou ainda de longe, enxugando a testa banhada de suor:

— Imaginai... Essa gente pretende que êle ressuscitou!

FINIS